

Negociação vinculada levaria País a moratórias sucessivas

29 JUL 1987

BRÁSILIA AGÊNCIA ESTADO

O ministro Bresser Pereira disse ontem, ao desembarcar em Brasília, que o Brasil poderia ser obrigado a entrar em moratória a cada três ou seis meses, se fizesse uma renegociação da dívida externa vinculada a um acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional.

"Se toda vez que o FMI suspendesse seus pagamentos ao Brasil — e eles fazem isso com frequência, como tem mostrado outros países — os bancos também suspendessem seus pagamentos, seríamos obrigados a fazer nova moratória, para proteger nossas reservas", afirmou o ministro da Fazenda. "Então, a cada três ou seis meses, dependendo do caso, estaríamos fazendo novas moratórias. Isso não me parece razoável."

Bresser Pereira acrescentou que será uma grande vitória para o Brasil a realização de um acordo com o bancos privados sem passar, antes, pelo FMI. "Será uma inovação, mostrando o Brasil já como um país poderoso, importante, e que sabe tomar conta de sua casa. Para o Brasil não interessa definitivamente, claramente, fazer acordo com os bancos com uma cláusula de vinculação com o FMI", afirmou o ministro.

IDÉIA NOVA

O ministro informou que os dirigentes do FMI e os representantes do governo americano com quem con-

versou em Washington disseram a ele que não fariam oposição formal à reivindicação brasileira, embora achassem que os bancos não a aceitariam. Bresser defendeu nos Estados Unidos a "idéia nova" — como ele mesmo classificou — de fazer primeiro um acodo com os bancos privados, e só depois procurar o Fundo Monetário Internacional, cuja aprovação ao programa econômico brasileiro poderia facilitar a obtenção de créditos no Japão e nos países que integram o Clube de Paris. "Um programa não recessivo", fez questão de sublinhar.

"Essa ordem não é a ordem que eles preferem, não é a ordem do sistema internacional, do Fundo Monetário, do governo americano", acrescentou Bresser, revelando que sofreu "grande pressão" para fazer uma carta de intenção ao FMI agora, mas que resistiu, e defendeu sua proposta de inversão das etapas. "Depois do acordo com os bancos", que vai renovar, "discutirei com o governo e meu partido a ida ao FMI".

O ministro da Fazenda chegou ontem às 9 horas a Brasília, em um jatinho do Banco Central que o trouxe do Rio de Janeiro. Ele passou a noite em viagem entre Washington, de onde saiu às 20 horas de ontem, e o Rio, onde chegou às 6h30 de ontem. Ao todo, Bresser Pereira passou seis dias nos Estados Unidos, entre Washington e Nova York, conver-

sando com banqueiros, dirigentes do Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e o subsecretário de Estado americano, John Whitehead.

ÊXITO

Bresser repetiu na chegada a Brasília o que já tinha dito nos Estados Unidos: considerou a viagem um êxito completo, tendo atingido todos os seus objetivos. Entre estes, destacou a apresentação do Plano de Controle Macroeconômico ("Todos disseram que o plano é excelente, sem exceção", comentou) e o estabelecimento de uma data para o reinício das negociações formais da dívida, que ficou marcada afinal para o início de setembro.

Além disso, Bresser disse que informou também os credores sobre os "parâmetros" estabelecidos pelo Brasil para a negociação — na verdade, pontos iniciais de discussão, que incluem a reivindicação de ~~spread zero e refinanciamento de US\$ 7,2 bilhões até o final de 1988, referentes aos juros vencidos este ano e a vencer em 88.~~ "Isso tudo foi entendido. Não quer dizer que foi aceito. Isto é outra história, porque eu não pretendia negociar desta vez", concluiu o ministro da Fazenda.

Do aeroporto, Bresser seguiu para sua casa, onde descansou até o início da tarde. Às 15h30, chegou ao Ministério da Fazenda, onde voltou a falar rapidamente aos jornalistas.